

## Saúde Restaurada

Jorge Astorga

Foi inaugurada, no dia 16 de abril, após passar por amplo processo de restauração, a Igreja de Nossa Senhora da Saúde, localizada na Rua Silvino Montenegro, no bairro da Saúde, região portuária do Rio de Janeiro. Patrocinado pelo BNDES, o projeto de restauração teve o custo total de R\$ 1,3 milhão, através de um projeto PRONAC, e envolveu equipe multidisciplinar da qual participaram arquitetos, restauradores, historiadores e arqueólogos, sob orientação técnica e fiscalização da 6ª Superintendência Regional do IPHAN. A solenidade de reinauguração teve a presença do Arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal Dom Eusébio Oscar Scheid, e demais autoridades das instituições envolvidas no projeto.

A restauração teve por objetivo revitalizar um importante monumento em estado de degradação, sem uso há quarenta anos. Para isso, foi preciso um trabalho de recuperação geral, que englobou desde o acesso ao monumento, através da suavização da rampa de subida, em pé-de-moleque, a construção de um muro de contenção e de banheiros públicos, até minuciosos trabalhos de restauração dos elementos artísticos, como a talha em estilo rococó, a tela decorativa que forra o teto da nave e o painel de azulejos portugueses. Este e outros elementos artísticos da igreja foram muito afetados por atos de vandalismo e pela ação do tempo. Devido ao furto de alguns trechos, os painéis de azulejos que tinham registro fotográfico foram reintegrados com a técnica de afresco sobre a própria argamassa de revestimento da parede. Deste modo, se preservou a leitura do conjunto ao longe e, de perto, percebe-se que não são azulejos.

Os espaços referentes às peças que não tinham registro foram preenchidos com pintura padronizada em estilo marmorizado.



Na Igreja da Saúde, o interior restaurado

A tela tripartida, com aproximadamente 20m<sup>2</sup> - exibindo o céu com guirlandas de flores e anjos -, foi totalmente restaurada e recolocada no teto da nave de onde havia sido removida ainda nos anos 70.

Dotada de cores vivas - o altar é verde e rosa - a igreja tem sua temática celebrando a saúde e, por sua importância histórica e artística, foi tombada pelo IPHAN em 1938.

As imagens de Nossa Senhora da Saúde e do Menino Jesus estão no museu da Catedral, junto com a Imagem de Santo Antônio. Por motivo de segurança, as imagens não voltarão ▶

para a Igreja, pelo menos neste início da revitalização. Foram confeccionadas cópias da Nossa Senhora e do Menino para ficarem no altar. As peças foram feitas em resina e aprovadas pela Mitra Arquiepiscopal do Rio de Janeiro.

Na sacristia, há um raríssimo exemplar, talvez o único, de lavabo em embrechamento com conchas e louças das Índias. Este foi restaurado, mas não terá o antigo uso.

**Arqueologia Externa:** No adro frontal da Igreja, junto à torre sineira, foram encontrados os vestígios da escada de acesso da antiga chácara. O degrau de convite ainda se encontrava assentado sobre o nível original e também se encontrou um piso em paralelepípedo e um piso em tijoleira original. Após as obras, ambos ficaram soterrados abaixo da lajota de barro. Apenas os degraus da escada foram montados, por anastilose, para dar uma idéia de como era o acesso. Já no pátio posterior, as escavações encontraram uma espécie de forno cerâmico que ainda está sendo pesquisado e buscada a sua origem.

**Arqueologia Interna:** No interior da Igreja há uma lápide no presbitério e, curiosamente, abaixo dela nada se encontrou. Foram descobertos vários tipos de pisos e sepultamentos, comuns para a época. A maioria dos sepultamentos estava na nave e outros dois, pouco comuns, estão no altar. Todos os restos de ossadas humanas encontrados foram novamente enterrados em urnas de fibra onde se encontrava um nicho, tipo carneiro, em tijolo, na Nave. Nesta ocasião, houve uma cerimônia de enterro, com a presença do Padre Arnaldo, atual responsável pela igreja.

A igreja teve sua origem como capela de uma propriedade particular, naquela região da cidade ainda de caráter rural, e sua construção foi concluída por volta de 1750. Somente em 1898 foi fundada a Irmandade de Nossa Senhora da Saúde para administrá-la e, em 1900, ela passou aos cuidados desta confraria.

## Achados e expostos

Os trabalhos de restauração da Igreja de Nossa Senhora do Carmo acabam de ajudar a desvendar mais um pedaço da história do Rio Antigo. Foram encontrados, sob o altar-mor, remanescentes de degraus que, ao que tudo indica, pertencem à primitiva Ermida de Nossa Senhora do Ó, construída no século XVII, sobre cujas fundações foi a antiga Catedral Metropolitana erigida. Com as escavações arqueológicas, também tornou-se visível parte de um muro do século XVIII, construído para conter o mar que chegava àquelas imediações, bem como as sucessivas camadas de aterros

executados na área central da cidade. A idéia inicial, tanto do IPHAN quanto da Prefeitura do Rio, é deixar o sítio arqueológico permanentemente exposto, mas equipar o local com estrutura capaz de dar visibilidade para estes e outros achados, porém com a reversibilidade necessária à continuidade da agenda formal da Igreja.

## Regionalmóvel

Com o objetivo de estreitar relações com os órgãos municipais, o Superintendente Regional do IPHAN, Carlos Fernando Andrade, tem coordenado, pessoalmente, visitas de trabalho a regiões do estado onde há a presença de monumentos tombados.

Depois do Vale do Paraíba e da Região dos Lagos, Carlos Fernando, com um grupo de técnicos, esteve vistoriando os monumentos da Região Norte Fluminense, no último dia 30 de março. Lá, o IPHAN reuniu-se com autoridades ligadas ao Conselho de Preservação do Patrimônio Municipal de Campos – no qual a 6ª Superintendência terá lugar –, como a sua presidente, a Secretária de Planejamento, Silvana Monteiro de Castro; e com o juiz da Infância e da Juventude, Pedro Henrique Alves.

Os contatos foram bastante positivos e apontam para soluções em curto prazo para a recuperação de monumentos importantes, como o Asilo de Nossa Senhora do Carmo e o Solar do Colégio, entre outros.

## Entrevista

**A entrevista desta edição do Informe da 6ª é com o arquiteto, mineiro de Belo Horizonte, Sabino Machado Barroso, Superintendente Regional da 6ª SR/IPHAN de 1989 a 1993. Arquiteto de carreira da Instituição, nesta conversa com o Informe, Sabino fala da sua trajetória no Patrimônio, de seus projetos marcantes e do convívio com os estagiários, hoje técnicos da Superintendência. Sabino Barroso é, atualmente, um dos renomados especialistas que compõem o Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, instância máxima para o exame e deliberação sobre questões relevantes no âmbito de atuação do IPHAN.**

**Informe** – Para começar, vamos ao início. Exatamente quando você chegou ao IPHAN e como a sua trajetória profissional se mistura com a da Instituição?

**Sabino Barroso** – Na verdade eu cheguei no IPHAN em 1965, mas acabei tendo que sair em 1968. Naquele ano, o consórcio do qual a

Construtora Nacional participava, que ganhou a concorrência dos projetos do Metrô do Rio, incluía o Oscar Niemeyer como arquiteto e eu era da sua equipe. Mas o Niemeyer, por compromissos anteriormente agendados na Europa, não pôde permanecer no Rio e designou-me para a autoria dos projetos de arquitetura. Mas o Patrimônio nunca deixou de estar presente. No Largo da Carioca, por exemplo, fiz a estação de forma que ela também viesse a valorizar o conjunto arquitetônico constituído pelo Convento e Igreja de Santo Antônio e a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Embora eu nunca tenha me afastado dos conceitos do Patrimônio, só em 1980, depois de concluída a primeira fase das obras do Metrô eu reingresso no IPHAN, na 6ª Coordenação Regional – atual Superintendência. Em 1989, o Fernando Burmeister, que era Coordenador, morre subitamente e eu sou indicado para o cargo, no qual permaneço até 1993, ano em que passei a Diretor do então Departamento de Proteção, o DEPROT, hoje Departamento de Patrimônio Material – DEPAM. E tudo culmina, em 1999, quando um arquiteto de São Paulo é nomeado, pelo então Ministro Francisco Weford, para a Presidência do IPHAN e eu recebo uma série de contatos de colegas de lá alertando sobre as poucas referências de qualificação para o cargo por parte daquele senhor, cuja nomeação resultou, inclusive, na imediata demissão voluntária da Superintendente Regional de São Paulo, que me comunicou pessoalmente sua decisão. Logo que toma posse ele chega ao Rio, em visita ao DEPROT, e eu o apresento aos funcionários que concluíam, naquela ocasião, um excelente trabalho sobre normas e procedimentos de reformas e restauro – tudo corre normalmente. Mas quando ele retorna ao seu gabinete, lá estava, sobre a sua mesa, a minha carta apresentando meu pedido de demissão do cargo de Diretor, junto à minha solicitação de aposentadoria do Serviço Público.

**Informe** – Como você conheceu o Oscar Niemeyer e de que maneira você acredita que ele pode ter influenciado sua trajetória?

Por coincidência, quando eu vim completar o curso de arquitetura aqui no Rio, meu tio, Aníbal Machado, amigo de Oscar e ambos comunistas, se encontraram numa reunião do Partido e meu tio falou para ele que tinha um sobrinho que estava morando na sua casa e que era estudante de arquitetura. Aí o Niemeyer mandou que eu fosse ao escritório dele. Isso foi no início de 1950. Eu fui de terno e gravata procurar o Oscar lá no Edifício do Banco Boavista, onde ele tinha escritório, e logo que ele me viu disse: Mas de terno e gravata, rapaz?!

Posteriormente, eu completei meus estudos de arquitetura e, já no final dos anos 50, Juscelino Kubitschek de Oliveira dava início aos planos de criação da Capital Federal. Mas embora tenha sido eu o primeiro arquiteto a ir para Brasília, designado pelo Oscar, acabei contraindo hepatite e tendo que voltar para o Rio para tratamento. Posteriormente, em 1957, toda a equipe do Oscar vai para Brasília e lá permanece para a execução do Plano Piloto. Estavam começando os projetos da Praça dos Três Poderes, do conjunto dos Ministérios, do Congresso e tudo estava sendo feito pelo escritório do Oscar, na NOVACAP. E eu participei de toda esta fase dos trabalhos. Quanto à influência do Oscar, não há como negar que homens íntegros servem sempre de exemplo para a formação de quem está próximo. Só que o Oscar é também um criador absoluto, de total excepcionalidade. Mas criatividade, infelizmente, não se transmite.

**Informe** – Quais os projetos dos quais você participou, vinculados ao IPHAN, que você considera mais interessantes?

**SB** – Em 1965, logo que eu cheguei ao IPHAN, fui designado pelo próprio Rodrigo Melo Franco de Andrade para fazer o Museu dos Sambaquis, em Joinville, Santa Catarina – foi meu primeiro projeto. Logo a seguir eu fiz, em 1966, o projeto da Biblioteca e anexo da Casa de Rui Barbosa. E ainda em 66, a reconstrução e restauração da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, no Centro do Rio, que havia sido quase que totalmente destruída por um incêndio – um projeto no qual eu trabalhei diretamente com Lúcio Costa. Eu fiscalizava a obra, fazia tudo o que podia para ajudar. Quase tudo foi destruído pelo fogo. Ficaram só as paredes. Toda a talha Barroca, uma obra prima, tudo foi consumido com a perda total da obra artística interior. E aí entrou a lucidez do Lúcio que refez tudo em concreto, como permanece até os dias de hoje. A nave, o altar-mor, tudo em concreto, numa igreja centenária do Rio de Janeiro! Em 1967 eu faço a recuperação da Ponte de Santa Cruz e do seu entorno, que tem um jardim muito bonito e que permanece revitalizado. Em 1981, com o meu retorno ao IPHAN, para a Regional, eu acompanho e sou autor de inúmeros projetos no Rio de Janeiro, no Espírito Santo, com ênfase para a cidade de Vila Velha, e no Rio Grande do Sul – tudo isso sempre contando com a excelência da equipe de jovens arquitetos e técnicos do IPHAN. E em 2002, eu volto justamente ao Museu dos Sambaquis, onde tudo começou, para fazer um anexo para aquela construção.

**Informe** – Quando parte desta atual equipe do Informe chegou à Regional deparou-se com uma cena incomum: Você, Coordenador, sentado à cabeceira de uma grande mesa de reuniões, debatendo com dezenas de servidores assuntos referentes a paralisações, greve e reivindicações. Como era a sua relação com os técnicos, na sua época de Dirigente?

**SB** – Acho que eu me lembro. Foi uma ocasião em que me telefonaram da Presidência do IPHAN e perguntaram: Como é Sabino, você vai cortar o ponto dos grevistas? E eu respondi: Eu me considero em greve também e não vou cortar ponto de ninguém. Assim foi o meu procedimento. Se eles me ameaçassem eu colocava o cargo à disposição, mas eles nunca aceitavam... E essa deve ter sido uma dessas reuniões sobre esses assuntos. Bem, quando eu cheguei na Regional havia uma grande carência de técnicos – que não se compara à que eu sei que há hoje – e nós utilizávamos muitos estagiários. Chegamos a ter de doze a quinze estagiários de arquitetura. A equipe era de muito boa qualidade e muito jovem – vários são hoje técnicos da SR – e foi durante o período que eu estava na Regional que eles foram contratados como funcionários efetivos. Eram todos muito interessados nas questões do Patrimônio e a minha convivência com esses técnicos sempre foi repleta de confiabilidade. Pela forma que eu os via tratarem dos assuntos, dentro daquele espírito que eles detalhavam os projetos, eles iriam, naturalmente, ser o que hoje eu sei que são: especialistas em Patrimônio, profissionais que vestem a camisa. Porque também era muito fácil pular fora para outro ministério ou para a iniciativa privada. E eles permaneceram.

**Informe** – Após 70 anos de preservação praticados pelo IPHAN, você acredita que ainda existirá uma consciência quanto à preservação cultural como já existe com relação à ecologia?

**SB** – Eu acho possível e de maior importância. Nesses 70 anos e quanto mais o tempo passa, após a criação da legislação do Tombamento e após serem preservados tantos monumentos de qualidade arquitetônica e relevantes para a memória do país, a sociedade já sabe a importância disso. Tirando a insaciável e negativa especulação imobiliária, eu creio que a sociedade está do nosso lado e há consciência da relevância da preservação, em todos os lugares, até pela respeitabilidade que o Patrimônio sempre teve. Afinal, preservou-se o que havia de melhor para a memória cultural e histórica deste país a partir do momento em que o IPHAN foi criado e que o Decreto-Lei 25 trata a preservação com tanta sensibilidade. Isso, somado à ênfase que hoje está sendo dada à preservação do Patrimônio Imaterial –

eu estive com o Conselho, no Recife, três meses atrás, para inscrever o Frevo, que está fazendo 100 anos, no Livro de Registro de Bens Imateriais –, vai despertar ainda mais o interesse pela causa da preservação.

**Informe** – Você sempre foi um grande defensor da preservação. Levando-se em conta a necessidade de sustentabilidade dos monumentos, qual você acha que deve ser o limite entre preservação e desenvolvimento?

**SB** – Cada caso é um caso. E as intervenções devem ser neutras, no sentido da restauração, até porque não haveria artifices hoje em dia para recriar o original. O desenvolvimento deve, prioritariamente, se integrar ao espírito da preservação. O que deve prevalecer são os conceitos da preservação, com a inclusão dos meios de uso e da tecnologia atuais tendo sempre a preservação como prioridade. O Rio Antigo é um bom exemplo disso. A Lapa, a Rua do Mercado, a Praça XV e outros locais, são lugares onde o passado está presente e que são freqüentados por terem sido adaptados. Mas estão lá os Arcos da Lapa, o Paço Imperial, totalmente preservados. Já São Paulo não tem quase nada. Demoliram a São Paulo antiga, muitas vezes na calada da noite. Já o Rio Antigo está lá. E cada vez mais se fortalece graças a homens públicos como o Augusto Ivan, que foi, inclusive, meu estagiário no Metrô, onde também havia uma equipe ótima. Foi o Ivan quem tombou e valorizou o nosso Rio Antigo quando criou e regulamentou o chamado Corredor Cultural. Manteve as fachadas originais, a volumetria e com isso a atmosfera das antigas áreas urbanas, e liberou os interiores para que o local viabilizasse novas formas de uso e pudesse ter vida novamente.

**Informe** – Enquanto Conselheiro do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, do IPHAN, como você vê os 70 anos da instituição e, especificamente, o caso da Marina da Glória?

**SB** – O Patrimônio quando tomba tem como fundamento o Decreto Lei 25, que foi extremamente bem elaborado por intelectuais e arquitetos importantes, encabeçados por Rodrigo Melo Franco de Andrade. Nos seus dois primeiros artigos, onde ele engloba o Patrimônio Natural e o Cultural, o agenciamento pela indústria humana, já fica evidente a dimensão da sua força. A origem e a integridade da instituição, o rico ambiente no qual se trabalha e a perfeição deste Decreto, são a grande força que o Patrimônio tem hoje. E isso tem sido levado em consideração pelos técnicos do IPHAN, nesses 70 anos, porque eles sabem que têm respaldo nesses fatores. Ter os técnicos integrados nessa postura é a grande força do Patrimônio. Quanto à Marina da Glória, o ▶

Conselho é unânime. Qualquer construção no local deve ter, a princípio, caráter provisório porque se trata de uma área tombada. É uma obra do Eduardo Reidy, do Burle Marx, e um dos parques mais lindos do mundo. Para intervenções com o porte e as características daquelas pretendidas para a Marina da Glória, o Parque do Flamengo é intocável.



## Palácio Rio Negro

O Palácio Rio Negro, um dos monumentos mais destacados do Centro Histórico de Petrópolis, recebeu uma festa digna da época em que era a residência de verão dos presidentes da República, no último dia 14 de março.

Para comemorar a conclusão das obras de emergência, estiveram presentes o governador Sérgio Cabral – que se hospedou no Palácio -, o Prefeito de Petrópolis, Rubens Bomtempo, o Presidente do IPHAN, Luís Fernando de Almeida e o Superintendente Regional do IPHAN, Carlos Fernando Andrade, entre outras autoridades.

Construído por Manoel Gomes de Carvalho, o Barão do Rio Negro, em 1889, e desde 1903 hospedando os presidentes da República, o Palácio Rio Negro inicia agora uma nova fase.

Integrado à paisagem histórica da Avenida Koeler, que leva o nome do engenheiro militar autor do primeiro projeto urbano do Brasil, com características neoclássicas - a cidade de Petrópolis -, o Palácio passa por uma adaptação, sob a orientação do IPHAN, para se transformar no Museu Casa dos Presidentes, mais um espaço para receber os moradores e turistas que visitam a cidade imperial.

## Integrar é preciso

A convite do Secretário de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, Luiz Paulo Conde, o Superintendente Regional do IPHAN, Carlos Fernando Andrade, integrou a mesa de abertura do 1º Encontro Estadual de Secretários de Cultura, realizado dia 1º de março, no Hotel Guanabara, no Centro do Rio, ao qual também esteve presente o Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral.

Durante seu pronunciamento, o Superintendente Regional ressaltou, na presença dos secretários municipais desta pasta de todo o Estado, a importância de ser o trabalho de preservação do Patrimônio Cultural realizado de forma integrada e destacou que os projetos culturais para o Estado, já aprovados pela Lei Federal de Incentivo à Cultura e à espera de patrocínios, totalizam hoje cerca de R\$ 145 milhões.

Carlos Fernando finalizou colocando o IPHAN, através da 6ª SR, à disposição dos demais órgãos presentes para o estabelecimento de parcerias capazes de viabilizar a tão almejada integração.

Chico Cereto



Luiz Fernando de Almeida, Presidente do IPHAN, e Carlos Fernando Andrade, Superintendente Regional do IPHAN, durante encontro na 6ª SR

## Visita ilustre

Durante reunião realizada com os servidores, dia 15 de março, na sede da 6ª Superintendência Regional, o Presidente do IPHAN, Luiz Fernando de Almeida, falou sobre a importância de serem enfatizados trabalhos conjuntos, entre o IPHAN Central e a SR, como forma de melhor atender às demandas do estado. O arquiteto também elogiou a performance atual da Lei Federal de Incentivo à Cultura que vem viabilizando projetos PRONAC, patrocinados pela iniciativa privada, para fins de preservação, mas não deixou de ratificar a importância da continuidade da incumbência nesse sentido, também por parte dos órgãos públicos, incluindo os governos estaduais e municipais. Finalizando, Luiz Fernando destacou como o grande desafio do Instituto, por ocasião da passagem dos seus 70 anos de criação, tornar o Patrimônio mais compreendido e assimilável também enquanto instrumento de educação. Segundo ele, “trata-se de um processo de inserção do Patrimônio no dia-a-dia da sociedade.”

## Remédios

Teve início em janeiro deste ano a restauração da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, um dos mais importantes monumentos da cidade de Paraty, situada no Bairro Histórico e tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em 13 de fevereiro de 1962.

Resultado de um Projeto de Apoio à Cultura – PRONAC, a restauração consiste na recuperação das fachadas, dos interiores e dos bens móveis e integrados, inclusive os altares e outros elementos artísticos, como as imagens e objetos sacros.

Nesta primeira etapa, com recursos do BNDES, equivalentes a 33,33% do total a ser investido, estão sendo feitos trabalhos como a revisão dos revestimentos interno e externo, com a pintura das fachadas, a recuperação do piso, a descupinização e as instalações hidrossanitárias, elétricas (incluindo iluminação e sonorização), de combate a incêndio e do sistema de alarme para proteção contra roubos e furtos. Será feita ainda a atualização do inventário dos bens móveis e integrados, uma prioridade do IPHAN nas restaurações para que, através do conhecimento, se possa fortalecer a proteção dos acervos.

Nas etapas posteriores, serão restaurados os seis altares da igreja, quinze imagens sacras e o púlpito, entre outros elementos. Serão realizados os trabalhos de recuperação do assoalho, das esquadrias, das escadas e limpeza e consolidação dos elementos pétreos, como a pia batismal.

A atual edificação foi iniciada em 1787, sendo a terceira erigida no local, ou em suas proximidades. A primeira, data de meados do século XVII (1646) e a segunda, de princípios do século XVIII (1712). A última vez que a igreja passou por restauração foi no final da década de 70.

A restauração total da Matriz de Nossa Senhora dos Remédios prevê um orçamento global de 3.887.000 reais, que serão aplicados com a supervisão e a orientação técnica da 6ª Superintendência Regional do IPHAN.

## Mais duas igrejas

O IPHAN conseguiu aprovar no orçamento da União para este ano 260 mil reais para a realização de obras em duas igrejas de Paraty: Nossa Senhora das Dores, no Bairro Histórico (R\$ 120 mil) e Nossa Senhora da Conceição, em Paraty-Mirim (R\$ 140 mil).

Na Nossa Senhora das Dores, os recursos serão empregados no revestimento, na restauração artística do altar, do coro e da imaginária, na descupinização e na recuperação das esquadrias.

Já na Nossa Senhora da Conceição, o orçamento cobrirá a restauração dos elementos integrados, como altar, púlpito, coro, tribuna, retábulos laterais, paravento, esquadrias, e de peças de arte sacra, como imagens, castiçais, crucifixos e tocheiros. As obras serão iniciadas assim que os recursos forem liberados.

## A Festa de São Benedito

A 6ª Superintendência Regional do IPHAN está realizando o Inventário de Referências Culturais da Festa de São Benedito, surgida no século XVII, em Angra dos Reis – RJ. De grande importância cultural para a comunidade local, a festa deste ano teve seu início em 1º de abril e o apogeu na primeira segunda-feira após a Semana Santa, dia 09, feriado na cidade, Dia de São Benedito. Da programação, constaram missa campal festiva, almoço comunitário, congadas e uma grande procissão de encerramento, tudo acompanhado de perto pela 6ª SR/IPHAN.

Lívia Ribeiro Lima



A Corte Real da Festa de São Benedito

Conforme explica a antropóloga da Área de Proteção da Regional, Lívia Ribeiro Lima, que documentou, com detalhes, a festa deste ano, “o Inventário de Referências Culturais é parte de um processo que visa ao reconhecimento e à divulgação deste bem imaterial, por seu valor cultural e importância histórica”.

O material audiovisual produzido servirá de fonte de pesquisa e estudos para a possível inscrição da Festa de São Benedito no Livro de Registro de Bens Imateriais – modalidade de preservação equivalente ao Tombamento, aplicada às celebrações, aos ofícios e modos de fazer, aos lugares e às formas de expressão da cultura popular.



## Fragmentos

O IPHAN vai inaugurar, dia 10 de maio, às 18 horas, na Sala do Patrimônio, a exposição **Fragmentos: A História dos Jesuítas a partir da Arqueologia**. Constituída por fragmentos de cerâmicas – das mais toscas às mais refinadas, como a porcelana –, a exposição conta esta história a partir das pesquisas arqueológicas realizadas nas igrejas de São Lourenço dos Índios, em Niterói, no Rio de Janeiro; de Nossa Senhora da Assunção, em Anchieta, e dos Reis Magos, em Serra, ambas no Espírito Santo. Nestes monumentos, equipes de arqueologia coordenadas pela 6ª SR/IPHAN realizaram, entre os anos 1990 e 2000, abrangentes trabalhos de pesquisa.

Além de ter por objetivo apresentar os resultados das pesquisas realizadas e mostrar a relação permanente da arqueologia com

projetos de restauração arquitetônica em bens culturais, a exposição também ensina que a arqueologia parte dos fragmentos para estudar o todo. “As igrejas abordadas têm mais de 400 anos de existência. E o interessante é mostrar ao público como o arqueólogo retira informações desses simples fragmentos que, assim como os monumentos, também são testemunhos dos primórdios da colonização brasileira”, explica a arqueóloga Rosana Najjar, Assessora de Arqueologia da Regional e responsável pelo projeto. Paralelamente à abertura da exposição, serão lançados CD e catálogo de cerâmicas das coleções sob a guarda da Regional.

A Sala do Patrimônio fica na Avenida Rio Branco, 48, no Centro do Rio, e **Fragmentos** estará aberta ao público, com entrada franca, de segunda a sexta-feira, das 10 às 18 horas, até o dia 28 de setembro, e também está prevista a realização de visitas guiadas.

## Por dentro da 6ª SR/IPHAN

### Quem chega

Paulo Cesar Alves, técnico operacional, transferido do Centro de Cultura Popular para atuar como responsável pelo Almoxarifado. Gladis Coimbra, assistente administrativa, veio redistribuída da FUNARTE para a Área de Patrimônio, da Divisão de Administração. E Rita de Souza Gregório Juliano Esteves, museóloga, já lotada na Assessoria de Arqueologia. Aos novos colegas, nossas boas-vindas!

### Quem sai

Luis Alberto de Carvalho Caldas, engenheiro de produção, deixa a Regional para exercer o cargo em comissão de chefe de divisão, na Divisão de Planejamento e Projeto da Coordenação de Planejamento, Orçamento e Finanças, do Departamento de Planejamento e Administração do IPHAN em Brasília. A ele, nossos votos de boa sorte!

---

*Presidente da República*

**Luís Inácio Lula da Silva**

*Ministro da Cultura*

**Gilberto Passos Gil Moreira**

*Presidente do IPHAN*

**Luís Fernando de Almeida**

*Superintendente Regional – 6ª SR/IPHAN*

**Carlos Fernando de S. L. Andrade**

O Informe da 6ª é produzido na Assessoria de Comunicação e Marketing da 6ª Superintendência Regional do IPHAN

*Redação e edição*

Chico Cereto e Rodney Ribeiro

*Projeto gráfico*

Benedito Cesar e Cesar Medeiros

**Informações e sugestões:**

[comunicacao.6sr@iphan.gov.br](mailto:comunicacao.6sr@iphan.gov.br)

ou pelos telefones 21 2203-3145/3146

Consulte também: [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br)

